

ADRIENNE RICH (ESTRUTURAÇÃO DE UMA VOZ)

Marta Isabel Pereira

Doutoranda

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UFP

marta.isabelpereira@gmail.com

Resumo

Este trabalho irá incidir sobre determinadas características da escrita de Adrienne Rich, assim como na análise do poema "The Burning of paper instead of children". Pretende-se realçar a faceta humanista da escritora, as suas preocupações e vontades. Rich pugnou por uma nova linguagem que fosse capaz de dar ênfase a uma mudança no mundo, nomeadamente, à condição da escrita feminina. Essa nova voz será alicerçada por uma semântica igualitária, nascida da justiça.

Palavras chave

escrita, Adrienne Rich, mudança

Abstract

This work will talk about some characteristics of Adrienne Rich's writings, and it will analyse the poem "The Burning of paper instead of children". The aim is to highlight her humanist side, her worries and her wills. Rich fought for a new language that was able to give emphasis to a change in the world, and namely, to the condition of the feminine writing. This new voice will be based by an egalitarian semantics, raised from justice.

Key words

writing, Adrienne Rich, change

Que a escrita feminina seja estudada por ser isso mesmo, e que nunca seja beneficiada ou prejudicada por ser isso também...

Quando Harold Bloom estabeleceu um cânone literário, quase todo masculino, os estudiosos da escrita feminina foram obrigados a perguntar: Mas, e se o poeta é mulher? Com a enumeração de tantos nomes masculinos, estabelecidos como os detentores de toda uma escola cultural e literária, onde iam as mulheres buscar as suas referências femininas? (c.f Erkkila, 1984:541) A pertinência desta questão é igualmente realçada nas palavras de Elaine Showalter.

Too often women's place in literary tradition is translated into the crude topography of hole and bulge, with Milton, Byron or Emerson the bulging bogeys on one side and women's literature from Aphra Behn to Adrienne Rich a pocked moon surface of revisionary lacunae on the other. (Showalter, 1981:204)

Na verdade, precisamente para evitar os condicionamentos inerentes à escolha de modelos femininos, para Betsy Erkkila, a poeta tem de se tornar na sua própria heroína, colocar-se no centro dos poemas e daí expelir a sua identidade e o seu poder. (c.f. Erkkila, 1984:544).

Essa identidade pode resultar de uma influência de uma poeta anterior que servirá de orientadora, e que partilha com a filha recebida, uma visão literária, visão essa que pode separá-las, uni-las e renová-las num processo de dinâmica de acção. Como Emily Dickinson e Adrienne Rich. Tal como a antecedente, Rich guardou os seus diários antes de aprender a mascarar a sua experiência feminina. Fê-lo tão bem que, quando publicou o seu primeiro volume de poemas, os críticos não foram capazes de distinguir a passividade/controlo, do que realmente lá estava: uma escrita acelerada.

Observemos as palavras de W.H.Auden:

The poems a reader will encounter in this book are neatly and modestly dressed, speak quietly but do not mumble, respect their elders but are not cowed by them, and do not tell fibs: that, for a first volume is a good deal. (Auden, 1951:11)

Auden e outros críticos que o corroboraram, tal como Albert Gelpi, falharam em perceber os apelos à mudança, e a indignação dos olhos humanos e femininos de Rich, no momento em que assumiram uma atitude paternalista perante a nova poeta que assomava:

He missed the fact that beneath the neat and modest dress of the poems lurked 'storm warnings', murmurings of 'missile-throwers' and an atmosphere of physical and psychological violence that endangered men, women, and the future of the world. (Erkkila, 1984:546)

Nos últimos vinte anos, os críticos literários centrados na escrita feminina começaram a desviar a sua atenção dos ataques constantes do cânone literário masculino, e começaram a centrá-la em questões de diferença textual e sexual. (c.f Tammer, 1989:3) Na verdade, ao escrever sobre o seu corpo e suas manifestações, a escrita passou a relatar a vivência da mulher. Assim, já longe de um olhar viciado, o corpo da mulher, tomado em toda a sua plenitude e diferença, declarou-se:

By writing with and about that which was once unmentionable – menstrual blood, breast milk, wombs, vaginas, the lips of the clitoris – woman’s language writes the body. The woman’s body, no longer idealized, conventionalized as in men’s writing, is apprehended in all its physycal difference and is able to disrupt discourse as we know it. (Berg, 1989:9)

Desta forma, surgiu uma variedade deslumbrante de palavras, sentidos e emoções, ou seja, uma linguagem própria, capaz só agora, de descrever uma perspectiva anteriormente silenciada. “A subversive language powerful enough to subvert patriarchal power.” (Berg, 1989:11)

Ao conhecer a vida da mulher em pormenor, os seus anseios e segredos a sua sexualidade activa ou pró-activa, acabou-se com a proibição, aliás amparada por Lacan e Freud (c.f. Montefiore, 1987:142) de mulheres olharem para outras, no sentido de aprenderem as suas tradições e origens. Com o fim desta “forced separation” (Gilmore, 1989:99), finalmente as mulheres reencontraram-se e convocaram a sua história: “The gaze of the other woman, however, is so radical, so powerful as to be capable of begetting nothing less than ‘a whole new poetry.’” (Gilmore, 1989, 99¹)

Ao concentrarem a atenção na sua condição feminina, as mulheres começaram a luta contra séculos de exclusão, nomeadamente do exercício do uso da palavra: “Our acts against oppression become integral with self, motivated and empowered from within.” (Lorde, 1997:281)

Assistiu-se à construção, ou revelação, de uma identidade feminina, significativa para o estatuto da mulher. (c.f. Montefiore, 1987:137), e tal só foi possível com a criação de uma linguagem nova, “a female centred new language” (Montefiore, 1987:138). No decorrer do tema é obrigatória uma referência a Adrienne Rich. À poeta se deve grande parte do modelo da nova linguagem, assim como o esforço para a manter.

A semântica era agora evocativa da experiência das mulheres em toda a sua multiplicidade, nomeadamente na verdadeira exposição da comoção feminina: “...[language] multiple and fluid...” (Montefiore, 1987:148). Todavia, essa mesma linguagem só será cumprida quando exposta toda a experiência feminina de forma completa, física e psicologicamente, sem auto-censuras e indiferente a avaliações externas.

Ao defender tão afincadamente o poder e a verdade da “palavra fêmea”, Rich não foi poupada a acusações de radicalismo feminista. Acusavam-na de ser estreita na sua visão ao recusar outras formas de discurso, o que para alguns críticos até enfraquecia os pressupostos teóricos da linguagem feminina:

The ambition to ‘express my experience as a woman in its intirety’ miraculously disentangled from history and from discourse other than feminism...is a fantasy rather than an remotely achievable goal. (Montefiore, 1987, 138)

¹ Gilmore usa uma expressão de Rich “a whole new poetry” do livro “A Dream of Common Language”, 1978

No entanto (e neste aspecto Montefiore mostra a sua concordância), (c.f. Montefiore, 1987:139), o contributo de Rich foi indispensável para que os estudos femininos se desenvolvessem e amadurecessem, reunindo mais argumentos na luta contra um mundo impermeável à sua presença.

Luce Irigaray é igualmente da opinião de que é necessário entender a sexualidade feminina mediante todas as suas vertentes (c.f. Montefiore, 1987:178), assim como é importante estabelecer a possibilidade de amor entre mulheres, no sentido de criar uma linguagem identificativa: "whole new poetry beginning here" (Montefiore, 1987: 178)

Na verdade, há traços distintivos em Rich caracterizáveis e louváveis, sendo um a preocupação social. Em "How does a poet put bread on the table?", Rich fala-nos das dificuldades económicas de quem vive do intelecto; em "The Muralist", assim como em "A Communal Poetry", refere a existência de desigualdades sociais, ou fala ainda das nefastas consequências de um conflito armado, escolhendo, desta forma, partilhar a sua contenda com a passividade e indiferença. Rich sabe que tem a obrigação, enquanto artesã da literatura, de intervir activamente na sociedade no sentido de melhorá-la, encarando essa tarefa como um dever civil.

Porém, não é uma poeta histórica ou panfletária. Nem luta ansiosa, olhando para o calendário, numa expectativa alvoroçada por uma revolução. É sim, uma crítica consciente do uso da palavra e que arrisca na mensagem que passa.

The poems compel us precisely because they record how excruciating it is to live in this time and place; the politics is not abstracted and depersonalized but tested on the nerve-ends. The psychological and political revolution are interdependent, because personal and public tragedy are linked, as "The Burning of paper instead of children" and "The Photograph of the Unmade Bed" as well as the title poem, declare. Individually and collectively we need not just the will to persist but 'the will to change.' (Gelpi, 1993:293)

No poema "The Burning of paper instead of children" lê-se: "What happens between us/Has happened for centuries/We know it from literature/Still happens.../There are books that describe all this/And they are useless".

Para o sujeito poético, as palavras perderam a força porque permitiram a inevitabilidade do caos. Por esse motivo, não fica chocado pelo facto de se terem queimado livros, mas sim, que as palavras exercidas em forma de linguagem não tenham sido capazes de realizar um mundo justo.

Calem-se então as palavras apesar de, paradoxalmente as usar para dizer isso mesmo ou seja, apesar de ser a forma de linguagem do opressor, de quem perpetua uma forma de vida desigual, terá de ser com essa mesma linguagem que o "eu poético" irá comunicar e apelar à revolução. Na primeira secção do poema defende-se que é precisamente pela linguagem do opressor que a mensagem tem de ser veiculada porque é a dominante, porque é a mais conhecida, porque é a mais abrangente: "This is the oppressor's language yet I need to speak to you"

A linguagem não é má, portanto. Está sim, mal usada.

Conclui-se pois que o silêncio não é solução mas pelo contrário, é fundamental que as palavras penetrem na sensibilidade humana: “to repair of speech/to overcome this suffering”. Este é um caminho a percorrer enquanto humanidade, contra o atropelo e a indiferença: “we are living through a time/that needs to be lived through us” – tem de ser criada uma linguagem nova, capaz de expressar a experiência feminina. “The old language causes pain, suffering and isolation because it does not acknowledge or portrays the human [and woman] situation in a truthful way.” (McDaniel, 1993:317)

Esta autora é da opinião de que o poema “The Burning of paper instead of children” se debruça sobre o poder ambivalente do uso e recusa da palavra, e sobre a perspectiva da poeta, que, por sua vez, não se pode furtar ao dever de “Ser”, à verbalização do impulso moral íntegro e ao seu propósito denunciador das desigualdades.

Para MacDaniel (c.f. MacDaniel, 1993:318), a primeira secção do poema defende que queimar livros é menos importante do que queimar uma criança ou Joana d’Arc, a virgem traída: O verso “I know it hurts to burn” demonstra que o “eu poético” está consciente da dor que o fogo causa. Espelha portanto uma cumplicidade ente vítimas, uma partilha de conhecimento sobre a dor e o padecimento. A morte de Joanne é paradigmática das consequências de um mal entendimento das palavras ditas por uma mulher em tempo de homens; o sujeito poético sabe bem disso.

Na segunda secção do poema imagina-se um tempo de silêncio e propõem-se a defesa da comunicação pelo toque como alternativa, pois o amor físico permite estabelecer contacto entre corpos e fortalece afinidades: “a relief/from this tongue.....this slab of limestone/or reinforced concrete!”. De facto, a descoberta de um corpo por outro, e a troca cúmplice de afectos são formas inabaláveis de proximidade e união, mas terão de ser vistas com os alicerces de uma comunicação verbal futura, segura e amadurecida:

Verbalization is a gravestone, as the Indians discovered who, in the poet’s imagination, communicated ‘in signal of smoke’ until knowledge of the oppressor gave them language. (McDaniel, 1993:319)

Olga Broumas refere-se da seguinte forma à escrita de Rich:

Scrupulous attention to the small and large details of language, a constant reexamination of their function and scope is as essential to Adrienne Rich’s poetry as the uses to which she puts the language.” (Broumas, 1993:324)

Notavelmente, Rich provoca-nos a viver uma realização honesta de nós mesmos, e desta forma, permitiu-se ser o incómodo espelho da nossa consciência, mas também da nossa transformação.

Full of longing and sick of passivity, she makes poetry a way of resisting contemplative states where the collapse of will passes as the triumph of intelligence. Self-consciousness becomes the dramatic vehicle for self-definition. (Altieri, 1993:342)

Rich assumiu em palavras, em linguagem, a sua resistência, e é precisamente essa linguagem que nos pica no fundo da letargia:

Adrienne Rich bears witness to pain that is shared and unnecessary. She curses those who ignore the suffering they create and sustain. She praises those who absorb the impact and survive. (Des Pres, 1993:364)

Em "Burning the Letters instead of children" refere-se a Daniel Berrigan, conhecido activista anti-guerra. Berrigan é um inconformado tal como a voz do poema, e o facto de existir inicialmente uma alusão à sua pessoa, demonstra proximidade e admiração com alguém que pensa o mundo como um altar de paz.

Um pouco à frente, o telefonema do vizinho a denunciar que os filhos de ambos tinham queimado livros (curiosa a transparência com que lida com a vida familiar quando fala de um incidente referente ao filho) vai despoletar vários raciocínios, memórias e opiniões. Queimou-se a palavra, o livro, a linguagem morreu: é necessário utilizar os cânticos do "Book of the Dead" para encaminhá-las. Para o sujeito poético, a indignação do telefonema é exagerada pois há factos bem mais importantes como as preocupações sociais que irá referir. De um plano geral público, um, onde refere Berrigan e onde há espaço para uma pequena intervenção política, alterna-se para o aspecto pessoal do amor com referência sensual ao corpo, dois, nomeadamente no verso "the hollows above/your buttocks traced my hand (essa alternância verificar-se-á até ao número cinco).

Em três, há uma reflexão sentida sobre a pobreza e suas consequências na dignidade humana. A preocupação altruísta é uma constante para o sujeito poético, que se choca com a fome e a mendicidade.

Em quatro, assistimos ao arrefecimento natural após o acto de amor. É aqui que se verifica que o par se quer verdadeiramente pois tocam-se, prescindindo da palavra, num lânguido silêncio.

Falamos bem, diz cinco, mas agimos de forma diferente, excepto Joanne e Douglass que foram coerentes. A coerência terá de se estabelecer como linguagem comum, universal, abundante e usual, para assim entendermos as palavras de Rich: "only where there is language is there world."

Joanne foi morta pelo fogo e mesmo assim não contrariou o que dissera. Antes do século XIX, Shakespeare tratou-a como uma bruxa e Voltaire escreveu um poema satírico que a ridicularizava. Mas a verdade da palavra venceu. Frederic Douglass, destacado abolicionista, também entendeu o poder da palavra falada e escrita.

No verso "This is America": o sujeito poético assume humildemente a responsabilidade pelos erros eventualmente cometidos pelo seu país, pois tudo é branqueado ao prazer do colonialismo actual que não guarda memória das atrocidades que vai cometendo: "We have only the present tense"

Neste poema, claramente de intervenção, a linguagem é arremessada com o glorioso propósito de abanar a apatia. Por isso a máquina de escrever está quente, devido ao ritmo frenético da indignação que percorre os dedos; foi usada incessantemente em busca da redenção. A boca está quente; de quem berra e usa a linguagem procurando o perdão. De quem procura a ventura: [Rich] believes in intelligence which for her carries an active value, as other believe in the redemptive value of grace." (Oktenberg, 1993:336)

Rich, Adrienne (1984) "The Burning of Paper Instead of Children", *The fact of a Doorframe Poems Selected and New 1950-1984*, Norton

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

ALTIERI, C. (1993). "Self-Reflection as Action: The Recent Work of Adrienne Rich", in Albert Gelpi (ed). *Adrienne Rich's Poetry and Prose*. Norton Critical Edition.

ALVAREZ, A. (1958). *The Shaping Spirit, Studies in Modern English and American Poets*. Arrow Books.

AUDEN, W.H. (1993). "Foreword to A change of World". In Albert Gelpi (ed). *Adrienne Rich's Poetry and Prose*. Norton Critical Edition.

BERG, T. (1989). "Supressing the Language of Wo(man): The dream as a Common Language," In Temma Berg et al. (eds). *Feminist Essays in Psychosexual Poetics: Engendering the World*. Library of Congress Illinois Press.

BROUMAS, O. (1993). "Review of The Dream of a Common Language" In Albert Gelpi (ed). *Adrienne Rich's Poetry and Prose*. Norton Critical Edition

ERKKILA, B. (1984). "Dickinson and Rich: Toward a Theory of Female Poetic Influence". *American Literature*, Vol 4, pp 541-559..

GELPI, A. (1993). "Adrienne Rich: The Poetics of Change". In Albert Gelpi (ed). *Adrienne Rich's Poetry and Prose*. Norton Critical Edition.

GILMORE, L. (1989). "The Gaze of the Other Woman: Beholding and Begetting in Dickinson, Moore and Rich", In Temma Berg et al. (eds). *Feminist Essays in Psychosexual Poetics: Engendering the World*. Library of Congress Illinois Press.

LORDE, A. (1997). "Uses of the erotic, The erotic as power". In Katie Conboy et al. (eds.). *Writing on the body: Female Embodiment and Feminist Theory*. Columbia University Press

MACDANIEL, J. (1993). "Reconstituting the World: The Poetry and Vision of Adrienne Rich". In Albert Gelpi (ed). *Adrienne Rich's Poetry and Prose*. Norton Critical Edition

MONTEFIORE, J. (1987). *Feminism and Poetry, Language, Experience, Identity in Women's Language*. Pandora.

OKTENBERG, A. (1993). "Disloyal to Civilization: The Twenty-one Love Poems of Adrienne Rich". In Albert Gelpi (ed). *Adrienne Rich's Poetry and Prose*. Norton Critical Edition

PADE, R. (2004). *52 Ways Of Looking At A Poem*. Vintage Press

PRES, T. (1993). "Adrienne Rich, North America East". In Albert Gelpi (ed). *Adrienne Rich's Poetry and Prose*. Norton Critical Edition.

RICH, A. (1984). "The Burning of Paper Instead of Children". *The fact of a Doorframe Poems Selected and New 1950-1984*. Norton.

RICH, A. (1986). *What Is Found There; Notebooks On Poetry And Politics*. Norton & Company.

SHOWALTER, E. (1981). "Feminist Criticism in the Wilderness". *Critical Inquiry*, Vol 8.

Documentos na Internet:

Frederick Douglass Abolitionist/Editor. [em linha]

Disponível em: <http://www.history.rochester.edu/class/douglass/home.html>.

(Consultado 2008-04-04)

BERRIGAN, Daniel (2001). "A parable for today, if not tomorrow" [em linha].

Disponível em: http://www.natcath.com/NCR_Online/archives/050401/050401k.htm.

(Consultado 2008-04-11)